

***Sonhos confinados* – uma pesquisa sobre a vida onírica no contexto de uma pandemia**

O ano de 2020 é marcado pela pandemia da COVID-19. Na mesma época, alguns pesquisadores começaram a perceber o aumento do interesse das pessoas pelos sonhos. É nesse contexto que surge a pesquisa intitulada *Sonhos confinados*, sobre a qual o prof. Gilson Iannini conversou com a Mosaico. Gilson Iannini é psicólogo e trabalha na interface entre filosofia e psicanálise. É professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, onde leciona teoria psicanalítica e é um dos coordenadores da pesquisa *Sonhos confinados*.

Mosaico: *De onde partiu a ideia de realizar uma análise dos sonhos dos brasileiros durante a pandemia? Como tem se configurado a proposta da pesquisa nesse contexto (hipóteses, objetivos)?*

Prof. Gilson: A pesquisa surgiu de maneira contingente. Estava dando um curso para a pós-graduação em psicologia na UFMG, em que a gente examinava a atualidade do livro *A interpretação dos sonhos*, publicado por Sigmund Freud em 1900, quando veio a pandemia e as aulas foram suspensas. Em conjunto com os alunos, decidimos dar continuidade às atividades, de maneira virtual. Na pós-graduação, a gente sempre alia ensino e pesquisa. Então, decidimos investigar o que as pessoas sonhavam durante a pandemia. Primeiro porque notamos um aumento vertiginoso do interesse das pessoas pelo tema dos sonhos. Nas redes sociais, esse tema de repente ganhou uma dimensão inesperada. As pessoas começaram a falar de seus sonhos, começamos a ver pesquisas sobre sonhos, muitas delas sem muito embasamento. A inspiração veio também de um livro de Charlotte Beradt, *Sonhos no Terceiro Reich*. A gente começou a se interessar pela função coletiva do sonho. As disputas políticas, as questões sociais, os desafios e impasses históricos não se encerram apenas na esfera pública, elas se estendem e se prolongam no nosso mais íntimo, inclusive em nossos sonhos. Na perspectiva da psicanálise, as fronteiras entre a psicologia individual e social são tênues, frágeis, permeáveis. Nos sonhos, o privado e o coletivo se misturam, em proporções diversas. O dentro e o fora se confundem.

Ao mesmo tempo em que a gente iniciou a pesquisa na UFMG, equipes da USP e da UFRGS também estavam trabalhando, de maneira independente, com o conceito de “onipolítica”. Aliás, eles já vinham trabalhando isso desde o ano passado, pelo menos. Quando começou a pandemia no Brasil, eles resolveram investigar os sonhos de trabalhadores da saúde e da

educação. A gente uniu esforços, a tempo de reformular metodologias e convergir no principal.

O que a gente quer saber é como as pessoas têm elaborado o presente. Porque parece que esse real nos encontrou despreparados, carentes de repertório simbólico. E isso nos desampara. Por isso, queremos saber como as pessoas tem lidado com esse material novo, com essas situações e ameaças novas. Os sonhos parecem ser uma via importante pra compreender isso.

Mosaico: *Você poderia nos contar sobre a escolha do título da pesquisa, Sonhos confinados?*

Prof. Gilson: Desde o início, eu quis evitar coisas como “sonhos da pandemia”, porque não queria delimitar a temática. Queria delimitar apenas o recorte temporal. A palavra “confinados” me soou atraente pela riqueza semântica, pela ambiguidade inerente a ela, que pra nós, psicanalistas, é uma vantagem. Estamos confinados, muitos de nós em casa; mas os sonhos também, no sentido dos projetos, ambições, planos, desejos que também foram suspensos.

Mosaico: *Qual a função do relato do sonho? Qual a especificidade do relato do sonho nessa pandemia?*

Prof. Gilson: Antes de tudo, os sonhos já são uma elaboração. Eles elaboram nossos medos, desejos, inquietações. Nossa vida psíquica é muito rica, feita de camadas, de sedimentos, de restos. A consciência é apenas uma parte do que acontece no psiquismo. Para utilizar uma metáfora bastante didática, poderíamos dizer que a consciência é a tela do computador. Mas, atrás da tela, há outras telas, além de processos em segundo plano, alguns de programas inativos, outros de funções do sistema. É claro que nosso psiquismo é mais complexo e a metáfora computacional tem seus limites. Somos um organismo vivo, que ao mesmo tempo é um organismo social. Nem vida, nem sociedade são exatamente sistemas formais, longe disso. Mas, didaticamente, a metáfora funciona. Desde que a gente jogue fora, depois de usar, como fazia Wittgenstein com a escada.

De toda forma, ainda que precária, essa metáfora funciona para uma apresentação sucinta do funcionamento do psiquismo.

Ocorre que é a consciência que vigora, ou que pretende vigorar ou comandar nossa vida de vigília. Mas a consciência, embora seja um processo extremamente complexo, que não entendemos ainda, é apenas uma camada, é apenas uma parte limitada de nossa experiência, mesmo de vigília. Muito do que percebemos durante o dia não é processado ou elaborado pela consciência. Isso ocorre também com outras faculdades, como a imaginação ou a vontade. O que não quer dizer que esses processos psíquicos não deixem rastros, em memórias, digamos assim, não conscientes. Esse é um sentido lato de inconsciente, mas que

tem um papel importante nos sonhos. Nos nossos sonhos, esse material, que Freud chamava de “restos diurnos”, é processado, elaborado. O inconsciente, no sentido psicanalítico do termo, processa, encena, associa, em suma, trabalha. Conecta esses restos diurnos com nossos desejos (reprimidos ou recalçados) e com nossa história singular.

Dito isso, se o sonho é uma elaboração de nossos traumas, desejos, percepções etc., o relato do sonho é uma segunda camada de elaboração. É mais uma possibilidade de enredar, de colocar em rede, de “simbolizar”, como se diz. Quanto mais a gente enreda, a gente cria circuitos, o impacto do que não tinha forma, não tinha nome, não tinha imagem vai sendo elaborado, amainado.

A primeira coisa que ressalta nessa pesquisa é que os relatos são muito vívidos e muito detalhados. Talvez isso tenha a ver com vários fatores, entre eles a própria mudança nos hábitos e condições do próprio sono. Quem está isolado frequentemente tem menos compromissos de horário de acordar, mais tempo pra desesquecer o sonho. O esquecimento faz parte do sonho. A gente esquece porque não tem como competir com estímulos externos, preocupações da vigília, que, economicamente, abafam as lembranças. Então, se você acorda e não sai correndo pra trabalhar, tomar café, pegar ônibus, isso favorece a lembrança. Isso vale talvez pra quem está confinado. Mas quase todo mundo está mais angustiado, muita gente com mais insônia ou dificuldade pra dormir. Quando a gente acorda no meio de um sonho ruim, de um pesadelo, também tem bastante chance de lembrar, devido à intensidade. Então os relatos são mais vívidos, mais intensos. As pessoas dizem isso sobre os sonhos delas e a gente percebe na leitura ou na escuta.

***Mosaico:** Em 1900, Freud falava do sonho como realização disfarçada de um desejo recalçado. De que forma isso se apresenta hoje? Como os sonhos da pandemia interrogam ou corroboram essa hipótese?*

Prof. Gilson: As pessoas às vezes esquecem que Freud não sustentou essa tese de maneira exclusiva, imutável, dogmática. A teoria freudiana do sonho tem uma história. Logo depois da Primeira Guerra, ele revisa aspectos e limites desta hipótese, em vários textos, principalmente em torno de 1919-1920, “O infamiliar”, “Além do princípio de prazer” etc. Como a hipótese da realização de desejos poderia se adequar a um contexto teórico em que o princípio de prazer não tem mais predomínio exclusivo, não preside o curso dos eventos psíquicos? A partir do estudo dos sonhos de combatentes traumatizados de guerra, o próprio Freud sopra para Ferenczi a hipótese de que o aparelho psíquico tem que “domar” estímulos excessivamente intensos, antes mesmo de submetê-los a processos presididos pelo princípio de prazer-desprazer. É uma função mais protetiva, diríamos talvez, “adaptativa”, anterior ao circuito prazer-desprazer. É daí que surge a hipótese de pulsão de morte etc.

Pois então. Num primeiro nível, a frequência de palavras como “mãe” e “casa” sugere uma hipótese ligada ao desamparo. São sonhos de retorno a figuras paradigmáticas do amparo, da proteção. Mas uma coisa interessante é a seguinte. Quando a gente sai do nível do relato, lembranças e associações escritas e passa para o nível da escuta subjetiva, mais “livre”, as pessoas tendem a ligar os sonhos a questões anteriores e independentes da pandemia. Aí, nesse nível, as questões relativas ao desejo tendem a aparecer mais. Alongar a escuta certamente tem esse efeito.

***Mosaico:** Sabemos que a pesquisa tem envolvido uma parceria com diferentes universidades, a exemplo da USP, UFRJ, UFRGS e UFRN, cada uma com seu próprio recorte e especificidades metodológicas. No entanto, parece haver uma convergência entre esses diferentes projetos. Como você enxerga a função da interdisciplinaridade na pesquisa dos sonhos? Ou ainda, o que os levou a realizar uma pesquisa interdisciplinar sobre a análise dos sonhos?*

Prof. Gilson: Sempre privilegiei com meus alunos de metodologia o que gosto de chamar de primazia do objeto. Primazia do objeto em relação ao método. É uma visão adorniana, no fundo. Temos que ser fiéis ao objeto e não prisioneiros do método. O método é um refúgio seguro pro cientista. O mais difícil é o desafio contrário, que seria se perguntar: pra pensar esse problema, esse objeto, que métodos preciso inventar? A história da ciência, numa visão kuhniana, é uma história de sucessões de períodos mais ou menos estáveis de ciência normal, onde uma comunidade trabalha com métodos validados por pares, tolerando anomalias, problemas não resolvidos etc., e períodos de invenção de hipóteses, de métodos, de crise de paradigmas, onde inventamos métodos e trabalhamos mais ou menos à margem das comunidades científicas.

Na nossa pesquisa, trabalhamos com basicamente o mesmo banco de dados (hoje já temos mais de 1000 sonhos), mas cada grupo estuda problemas diferentes. Tem grupos estudando aspectos clínicos, outros mais interessados em questões relativas ao gênero, a recorte racial, profissional, político. É multidimensional e multicêntrico.

Sobre essas parcerias. Eu já trabalho com o professor Christian Dunker há muitos anos. Ele foi da minha banca de doutorado e nos tornamos amigos. O Latesfip, grupo que ele coordena, tem um forte trabalho sobre psicanálise e política. Da USP, tem ainda o grupo da Professora Miriam Debieux, com forte atuação em psicanálise e sociedade, estudos decoloniais etc. E por aí veio a parceria com o Sul. Na UFRGS, eles já trabalhavam com narrativas oníricas como uma estratégia de conversação com jovens do sócio-educativo. Então, temos uma diversidade de enfoques dentro da psicanálise muito grande. Em nossa reunião ampliada, tinha 51 psicanalistas, de quatro regiões do Brasil. Só não tinha gente do Norte.

Outra coisa muito interessante é a parceria com o Instituto do Cérebro da UFRN. Estamos nos reunindo semanalmente, há meses, discutindo os dados, métodos etc. Uma conversa bastante profícua entre psicanálise e neurociências. Uma via de mão dupla. Vou aproveitar para um parêntese. Aqueles tipos que ficam bradando que a psicanálise não é ciência confundem, em geral, ciência com catecismo. Quando você sai julgando se o fazer do outro é ciência ou não, você assume uma posição de juiz, basicamente no terreno da moral ou da politiqueta ou ainda da polícia epistemofílica, digamos assim. Digo isso porque, por coincidência, saiu outro dia um “artigo” nessa linha. Não acho que a psicanálise tenha que responder a essas “acusações”, que, em geral se apoiam numa epistemologia popperiana rasteira. Vou te dizer uma coisa. Em relação aos exemplos que o Popper escolhe, a amostra que ele tinha sobre o que a psicanálise era, as hipóteses que muitos dos pioneiros levantavam naquela época, por exemplo sobre a masturbação ou o coito interrompido como causa das neuroses, ou interpretações selvagens edipianizantes, em suma, se a psicanálise fosse aquilo que o Popper diz que é, eu ficaria do lado dele. Com dois acréscimos. Primeiro, psicanálise não é aquilo. Segundo, a ciência, ou as práticas científicas ou a história das ciências não cabem dentro da epistemologia normativa popperiana. Se tem uma coisa superada é o Popper.

Então, nossa conversa com as neurociências não passa por nada disso. Passa por outro lugar: tentar compreender o momento presente através dos sonhos. Fazemos um diagnóstico do presente. O pessoal do ICE tem um conhecimento de ponta, principalmente, no uso de ferramentas de análise computacional de linguagem natural, com teoria dos grafos etc. Mas, ao mesmo tempo, tem uma sensibilidade enorme pra nossa escuta da singularidade. E o que nos surpreendeu positivamente é que eles gostaram de nossa “linguística”, nossa “linguisteria”, de nossas hipóteses sobre a linguagem, que muitas vezes são bem diferentes. Por exemplo, o que nós mostramos a eles sobre o estatuto freudiano da negação, da metáfora, da metonímia, eles não tinham se atentado pra esses aspectos ao ler um sonho. Estamos tentando desenvolver ferramentas nesse sentido. O esforço é tentar dar conta do objeto, que é o sonho. Vamos trabalhar com as divergências teóricas, tentar pensar inclusive os pontos de discordância. Podemos teorizar as divergências.

Jogo é jogado, na bola, não é no tapetão. O recurso a certas “epistemologias” para tentar desqualificar o trabalho do outro às vezes é como tentar ganhar no tapetão. Não existe ciência da ciência. Nenhuma epistemologia é científica. Quando você está dizendo se x ou y é ciência ou não estamos no terreno filosófico, não mais científico. E, em geral, a discussão tem um fundo moral ou um horizonte mercadológico ou ambos, coisas que não me interessam nem um pouquinho. Aqueles que estão preocupados demais com o gozo do outro deveriam estar no confessionário.

Mosaico: *Em entrevistas recentes, você afirmou que o significante “casa” tem aparecido com grande frequência nos sonhos de quarentena. Como o sentimento de unheimlich, o*

infamiliar, pode estar vinculado a esse momento de pandemia e seu aparecimento nos sonhos?

Prof. Gilson: Eu já estava trabalhando, desde o ano passado, com o que chamo de experiência generalizada do infamiliar na contemporaneidade. Como se não fosse mais possível se sentir em casa, mesmo quando estamos em casa. Freud propunha, em 1919, que esse tipo de angústia que é o infamiliar, *das Unheimliche*, ocorre mais frequentemente na ficção do que na realidade. Ora, parece que essa fronteira não é mais tão nítida. A fantasia invadiu a realidade de uma maneira muito mais aguda inclusive do que um Julio Cortázar poderia imaginar. A literatura latino-americana já mostrava essa espécie de realismo fantástico no qual estávamos imersos. Muita coisa que para os europeus era ficção, a gente vivia na pele. Parece que isso está muito mais agudo, muito mais grave. Porque há uma instrumentalização política, uma instrumentalização perversa da estrutura ficcional da realidade. Basta pensar nas *fake news*, nas comunidades virtuais e reais que endossam versões alternativas de mundos, a ponto de ficar cada vez mais difícil falar de qualquer coisa que não seja perspectivista.

No caso atual, parece que as ruas são mais fictícias do que reais. Quem imaginaria esse cenário 6 meses atrás? Nem os filmes mais distópicos. Nem mesmo nossa imaginação, nossa melhor imaginação (no cinema, na literatura, na poesia etc.) conseguiu antecipar isso. Muito menos nossa ciência. Mesmo os cientistas que falavam disso não eram escutados, mais ou menos como os cientistas heliocentristas não eram escutados quando o consenso científico da ciência normal aristotélica prevalecia.

Se nossa imaginação falhar, isso mostra que não dispomos, nem como indivíduos, nem como sociedades, de repertório simbólico, nem imagético para lidar com a pandemia. Tudo é muito novo. O psiquismo estranha o novo: quer assimilar conteúdos e experiências novas a formas simbólicas menos ameaçadoras, quer encaixar a experiência em imagens. Mas, nesse momento atual, essas formas parecem estar faltando. De repente, nossos esquemas narrativos, nossos pacotes de afetos, nossas formas simbólicas parecem se dissolver. Quem, poucos meses atrás, poderia imaginar esse cenário? Os poucos filmes que tentaram imaginar esses cenários parecem fichinha diante do que estamos vivendo. Principalmente porque tudo muda, mas ao mesmo tempo nada muda. O que muda é um elemento que reconfigura tudo, mas que não é muitas vezes visível. Por isso as pessoas querem de volta à normalidade. Que normalidade?

Mas, ao mesmo tempo, e aí está o mais interessante, esse muito novo é ao mesmo tempo muito conhecido, muito familiar, muito próximo: nosso desamparo, nosso despreparo para a morte. Como afeto inconsciente, já vivemos coisas assim, uma espécie de medo que não é exatamente medo, de angústia que não é exatamente angústia. Freud chamava isso de um

sentimento *unheimlich* ou “infamiliar”, algo que deveria ficar oculto, mas que veio à tona, que parece muito próximo e muito distante, muito estranho e muito familiar. Para simplificar: uma sensação de não se sentir em casa, mesmo estando em casa. Quando as fronteiras entre o real e a ficção são suspensas, prevalece o infamiliar. Parece que estamos vivendo algo desse tipo. Não sabemos distinguir claramente o que é real e o que não é. As *fake news* e a instrumentalização perversa das ficções estão aí para nos lembrar disso.

Além disso, socialmente, nossa indiferença com a dor do outro, com a morte do outro, nossa impossibilidade como sociedade, como projeto abortado de sociedade está aí. Queremos o “normal”, queremos que tudo volte ao “normal”, nos acostumamos rápido demais ao “novo normal”. Nossa casquinha de civilização se rompe. Gosto muito daquela imagem de uma parede com tinta velha, estufada, infiltrada. A gente passa a unha e a tinta descasca. A sociedade brasileira tem uma casquinha de civilidade, um verniz civilizado, que, desde as disputas políticas perto de 2013, ruiu, escancarou. As pessoas perderam a vergonha de suas próprias canalhices. Drummond tem um poema “Os inocentes do Leblon”, do livro *O sentimento do mundo*, de 1940, que descreve o Leblon que está em cada um de nós, em cada um de um certo segmento social, que transversalmente ideologiza mesmo os que não fazem partes deste segmento.

Mosaico: *Sabemos que a intenção da pesquisa é que as pessoas contem os sonhos que lhes ocorrem durante a pandemia. Entretanto, em conjunto com a eclosão da pandemia, temos presenciado, especialmente no caso do Brasil, atitudes que visam subestimar os perigos do novo coronavírus. Como você vê esse assunto?*

Prof. Gilson: Freud é um autor para o século XXI. Ele nasceu antes da época. Talvez por isso tenha sido morto e enterrado tantas vezes. Foucault dizia que “um dia, o século será deleuziano”. Acho que ele estava errado. O século XX foi deleuziano, principalmente os últimos 20 ou 30 anos já foram deleuzianos. O século XXI pós-pandemia será freudiano. E, talvez, infelizmente. Ninguém explicou melhor o mecanismo psíquico da negação. Os intrincados circuitos de negociação com a realidade, os diversos tipos de negação.

Mas temos também as posições subjetivas como a canalhice, a imbecilidade e a idiotia. Esses personagens hoje são valorizados, gozam de reconhecimento social virtual. Vivemos uma espécie de ostentação perversa da canalhice, por exemplo. Precisa dar exemplos? Acho que não.

Mosaico: *As pessoas vivem a quarentena de formas diferentes. Enquanto alguns podem ficar em casa, outros continuam na rotina de trabalho fora de casa. Como você pensa esse aspecto, o recorte sócio-político da pesquisa? De que forma ele se veicula pelo conteúdo dos sonhos?*

Prof. Gilson: Freud produziu belos textos e hipóteses teóricas fortes durante a pandemia de “gripe espanhola”, que vitimou uma de suas filhas. “O infamiliar” é um destes textos. Alguns dos textos sociais também foram gestados ali, no pós-guerra, por exemplo, *Psicologia das massas e análise do eu*. Ainda não fizemos a análise desses dados. Já temos algumas discussões de atendimentos que mostram isso. Por exemplo, o sonho e a escuta de uma trabalhadora doméstica, que ouviu falar da pesquisa num telejornal popular, são bastante diferentes, por suposto, de um sonho mais ou menos típico da bolha universitária. Estamos minerando esses dados ainda.

Mosaico: *No formulário para coleta dos sonhos, encontramos uma especificação de gênero, de raça e de idade dos sonhadores. Os sonhos podem transmitir algo dessas especificidades?*

Prof. Gilson: A questão de gênero aparece de forma mais maciça. Quase 80% dos relatos de sonho são de mulheres. O que esse dado bruto quer dizer? As mulheres sonham mais, contam mais seus sonhos? Elas se prestam mais ao saber supostamente científico, oferecendo seus relatos para produzir saber no outro? Escondem menos suas divisões? Elas falam mais, fazem mais laço social? O grupo UFMG-UFRJ, com coordenação da Carla Rodrigues, está trabalhando esses temas. O tema racial está sendo abordado pelo grupo da Miriam Debieux, da USP. Estamos ponderando os dados da amostra em função dos meios de divulgação de obtenção dos relatos. É claro que o meio de divulgação determina em grande parte o tipo de material a que temos acesso. Estamos fazendo vários esforços organizados para atingir outras bolhas. Por exemplo, fizemos ampla divulgação da pesquisa em grupos de mulheres em Manaus e outras regiões bastante afetadas. Mas ainda estamos colhendo esses dados e ainda não analisamos esses recortes.

Freud se interessou por questões raciais a vida inteira. Ele veio de um contexto subalterno do ponto de vista racial, sendo judeu numa sociedade extremamente antissemita. Muitos dos sonhos de Freud têm a ver com a elaboração de cenas traumáticas de humilhações sofridas por seu pai. Gosto de mostrar que é simplesmente impossível entender um texto como “Moral sexual ‘cultural’ e doença nervosa moderna”, de 1908, sem um fundo racial. A discussão era uma resposta a um certo Von Ehrenfels, um best-seller da época chamado *Ética sexual*. Ele propunha que o branco europeu deveria voltar a uma “moral sexual natural”, deveria recusar a moral hipócrita cultural e, já que os homens têm mais desejo sexual do que as mulheres, como ele dizia, eles deveriam recusar a monogamia e os melhores, mais fortes, mais inteligentes e mais bem sucedidos deveriam se reproduzir com o maior número possível de parceiras, auxiliando assim a seleção natural. Essa espécie de ética darwinista era uma política racial, assombrada pelo fantasma da ideologia racial do “perigo amarelo” (“*gelbe Gefahr*”), representado pelo crescimento populacional chinês. O perigo de uma conquista militar ou econômica chinesa ou japonesa alimentava a teoria racial sobre o declínio da raça branca, que seria feminizada. Havia um entrelaçamento entre teoria racial e de gênero que era mais

comum à época do que poderíamos supor hoje. O que se chama de patriarcado, hoje, eles chamavam de feminização da raça branca. Percebe como anacronismos são complicados? Então, o texto de Freud é uma resposta contra essa visão, que estava longe de ser uma visão de um maluco. Era uma teoria com muitos adeptos. Freud intervém no debate. Como ignorar isso? Além disso, mais tarde, ele perdeu duas irmãs assassinadas em campos de extermínio, Mirtzi e Paula. Quando, logo depois da Primeira Guerra, surgem as primeiras clínicas gratuitas de psicanálise, Freud escreve, num texto programático, que tratou pessoas com as quais não tinha qualquer laço de “raça, educação, posição social ou visão de mundo” e isso “sem incomodá-las em suas peculiaridades” (Freud, 1919/2017, p. 198). Dizer isso no Pós-Guerra não é pouco, porque justamente estes laços haviam sido brutalmente rompidos durante a guerra. Além disso, a guerra desnuda a precariedade destes laços. Mas o conceito de raça em Freud não pode ser lido ingenuamente. Quando ele recusa a dicotomia “cultura” e “civilização”, também por volta de 1920, isso se dá em torno de um debate racial, que foi um dos eixos de sustentação ideológica da guerra. Quando Freud, judeu, cita o Alcorão para concluir um dos seus textos mais importantes, o “Além do princípio de prazer”, não é pouca coisa. Quando ele escreve um livro, no final da vida, afirmando a origem egípcia de Moisés, isso não é pouca coisa. É dizer: o patriarca do povo judeu é um estrangeiro, nascido no norte da África. Freud fez sua travessia do deserto: foi de uma visão centrada na antiguidade greco-romana, como todos os vienenses cultos do século XIX, a Jerusalém, sem, contudo, hipostasiar a identidade, da qual sempre foi desconfiado.

Agora, se e como questões de raça e gênero aparecem nos sonhos ainda não sabemos. Tomara que possamos aprender um pouco.

***Mosaico:** Desde Freud, sabemos serem tênues os limites entre o individual e o social, a ponto de o psicanalista afirmar que toda psicologia individual é, no fundo, psicologia social. Tendo isso em mente, de que forma a escuta dos sonhos individuais pode repercutir no coletivo? Qual o lugar da pesquisa na intermediação entre o individual e o coletivo?*

Prof. Gilson: Essa pergunta é muito boa. Eu não sei o que é um “indivíduo”. Não trabalho com essa categoria. É uma categoria meramente ideológica. “Sujeito” é uma categoria um pouco melhor, porque tem esse duplo aspecto do que é *agente* e do que está *sujeito a* (isso ou aquilo). Um pouco melhor ainda é a ideia de “falasser”, que é a ontologia minimalista da psicanálise: somos um corpo que fala. Ponto final. Isso existe. O resto é especulação. Um corpo que fala. Quer dizer, um corpo vivo, biológico, neuronal, pulsional. Um corpo que experimenta tesão, goza, que tem excreções e subprodutos, entre eles o pensamento e a fala. Ou seja, essa bobagem de natureza e cultura, de mente e cérebro, nada disso interessa a uma psicanálise do século XXI. E, neste sentido, não tem divergências ontológicas com as neurociências, pelo menos não nesse nível. Pra falar, o corpo precisa se banhar de linguagem, que, necessariamente, envolve os outros corpos que falam. Então esse corpo que ri, que goza,

que fala é também um corpo que faz parte de outro corpo, que é o corpo social, essa espécie de conjunto opaco e supranumerário, onde cada corpo conta como Um, mas cuja soma destotaliza a unidade do conjunto.

Quando sonhamos, mobilizamos imagens que circulam socialmente, palavras e discursos que circulam socialmente etc. Mas o sonho rompe o regime regrado de visibilidade ou de invisibilidade, o regime compartilhado de dizíveis e indizíveis, as regras gramaticais de transformações permitidas ou não pelas regras tácitas do discurso. Isso vale pro coletivo também. Não é por acaso que “sonho” é uma palavra polissêmica e que usamos a mesma palavra para nossa produção onírica e para nossos projetos coletivos. Tem uma elaboração a ser feita. Tem um trabalho de luto a ser feito. Temos que perder o mundo que estávamos acostumados, temos que antecipar o fim do mundo. Temos que recuperar nossa capacidade coletiva de sonhar, que foi mitigada. Sonhar é poder reinventar gramáticas, é misturar helicóptero com chapéu, coisas que não se misturam em nossos pacotes de afetos socialmente partilhados.

Ao mesmo tempo, sonhos são sismógrafos. Charlotte Beradt percebeu que a tragédia que a Alemanha viveu nos anos 1930-40 já aparecia assombrando as pessoas. Os perigos que a gente denega de dia, quando precisamos lutar pela sobrevivência, retornam e são elaborados com menos censura à noite.

Mosaico: No momento de realização desta entrevista, estamos há três meses desde o início das recomendações de isolamento social no Brasil. Ao longo desse tempo, vocês têm percebido mudanças nas temáticas gerais dos sonhos relatados? Quais significantes têm se destacado e quais hipóteses vocês têm extraído a partir daí?

Prof. Gilson: Bom, agora há quase 4 meses. Fazendo uma análise bem rudimentar, meramente quantitativa de frequência de palavras, temos alguns resultados preliminares, que precisam ainda de ponderação.

Nos primeiros 369 sonhos, coletados entre abril/maio, as palavras que mais aparecem são casa (354), mãe (124) e amigo/a/s (120). Depois vem namorado, carro, cidade, pai etc. Quarentena aparece 29 vezes, pandemia, 21, matar, 19, morte, 11.

Em junho, as palavras mais frequentes continuam sendo casa, mãe e amigo/a/s, mas, relativamente a abril e maio, elas são menos representativas do que as palavras pandemia, morte etc. A frequência de “pandemia” quase dobra, a de “quarentena” diminui quase pela metade. Ou seja, antes as pessoas se preocupavam mais com a quarentena, agora mais com a pandemia. Resultado esperado, claro, óbvio, trivial. Mas muito interessante. A curva se inverte.

Achei significativo, no último mês, a frequência de palavras morte e matar. Em geral, alguém ou algo “tentando me matar” (o número dessas ocorrências quase dobra). Esse aumento é mais ou menos concomitante ao aumento da frequência da palavra Bolsonaro(s) (aumento de mais ou menos 1/3).

Se a gente correlaciona os “relatos” e as “lembranças”, ou seja, as ocorrências de palavras nos sonhos com ocorrências de palavras nas lembranças do(s) dia(s) anterior(es), o que Freud chamava de restos diurnos, é bem interessante também. Por exemplo, “casa” aparece apenas 64 vezes e mãe apenas 15 vezes, na primeira amostra de abril/maio. Parece não haver correlação muito direta entre frequência de lembranças conscientes de acontecimentos do dia relacionados a esses conteúdos. A amostra de junho parece confirmar isso. O dado da frequência enorme de casa e mãe como sendo muito mais significativo nos sonhos do que nas lembranças sugere a necessidade de retorno a esse paradigma de proteção contra o desamparo, necessidade de proteção etc. Sugere então ativação de conteúdos inconscientes etc. Percebe? A gente sonha muito com mãe e com casa, sem associar isso às lembranças de restos diurnos. Parece então que esses conteúdos são ativados de outro lugar, de outra cena. É super freudiano, mais, muito mais do que esperávamos.

Outro dado bruto. A frequência de “Bolsonaro” e de termos políticos nas “lembranças” (palavras como democracia, fascismo, golpe etc.) é praticamente igual na primeira amostra abril/maio e na segunda (junho), mas a frequência nos “relatos de sonhos” aumenta significativamente em junho. Ou seja, parece que varia pouco nas lembranças e varia mais nos próprios sonhos/relatos. Isso sugere que a vida privada inconsciente está mais permeável a esse contexto sócio-político. Ponto pra Charlotte Beradt!

Agora, provavelmente, vão aparecer mais sonhos de pessoas que passaram pela doença ou que perderam alguém. Não sabemos como isso vai impactar.

Referência

Freud, S. (1919/2017). Caminhos da terapia analítica. In: S. Freud. *Fundamentos da clínica psicanalítica (Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 6)* (pp. 191-204). Belo Horizonte: Autêntica.

Entrevista realizada em julho de 2020